

## TRADUÇÃO DE "SUIGETSU"

Yasunari Kawabata

### Introdução

Yasunari Kawabata nasce no ano de 1899, em Osaka. Cresce órfão, tendo perdido na infância os pais, a irmã e, posteriormente, os avós. Graduando-se pela Universidade Imperial de Tóquio, ingressa na vida de escritor e publica as obras: "Izu no Odoriko" ("A Pequena Dançarina de Izu"), "Tanagokoro no Shōsetsu" ("Romance de palma das mãos"), "Onsen no Yado" ("A pensão das termas"), "Yukiguni" ("País das Neves"), "Senbazuru" ("Nuvens de Pássaros Brancos"), "Yama no Oto" ("O som das montanhas"), "Nemureru Bijo" ("A bela adormecida"), etc. (Vide nota). Em 1968, recebe como primeiro japonês e asiático, o Prêmio Nobel de Literatura. Vem a suicidar-se, entretanto, em 1972, em seu gabinete de trabalho.

Ao lado de Yukio Mishima, Jun-ichirō Tanizaki e outros escritores da literatura japonesa moderna, Kawabata é o mais conhecido no exterior, tendo muitas de suas obras traduzidas para idiomas estrangeiros. Talvez haja entre nossos leitores quem já tenha lido "Senbazuru" e "Yukiguni" uma vez que foram traduzidas para o português, através do alemão, sob os títulos "Nuvens de Pássaros Brancos" (Paulo Hecker Filho) e "País das Neves" (Marina Colasanti) respectivamente, assim como "Izu no Odoriko", em tradução direta, "A Pequena Dançarina de Izu" (Antonio Nojiri).

"Suigetsu" ("Imagem da Lua"), escrito em 1953, aos cinquenta e quatro anos, é uma das mais destacadas produções de Kawabata. Certa vez, uma escritora manifestou-se, dizendo que, dentre todas as obras de Kawabata, essa era a que tinha sua preferência. Comenta ainda que, se de um lado, neste conto, o plissado da psique feminina,



cuja observação tenderia a passar despercebida da própria mulher, está aqui tão minuciosamente delineado que chega a assustar, de outro, a cada nova leitura que se faz, dá-se uma nova descoberta: a complexidade do amor e do sexo femininos, os olhos da mulher que, apesar de estar amando, ocasionalmente tornam-se frios como o gelo.

A parte de tal retrato psicológico, a composição da obra dispensa um novo tratamento ao tempo: a vida passada com o primeiro marido que, debilitado, morreu logo após o casamento, e a vida presente, junto ao marido de segundas núpcias, que, ultrapassando o tempo físico, desenrolam-se ambas no conto de maneira ímpar, paralela e sincrônica. Esse novo tratamento dado ao tempo, deve ser compreendido como uma técnica valiosa que revela a destreza do autor, a ponto de podermos considerá-lo um grande mestre do romance.

O título “Suigetsu” significa, literalmente, “a lua refletida na água”. No Oriente, porém, simboliza “o insubstancial, o vazio que, não obstante ser visível, é intangível”. Diz-se também, “Suigetsu Kyōka”, “imagem da lua na água e da flor no espelho”. O objeto que assume maior importância neste conto, o “espelho” também, no Oriente é considerado pela mulher como que encerrando um significado especial, tendo o vocábulo “Hakyō”, literalmente “espelho partido”, o sentido de “dissolução do casamento”.

Para finalizar, acrescento que a linguagem do original japonês possui extrema beleza, uma beleza impecável, que não admite nem o acréscimo nem a subtração de uma única palavra que seja.

Em 1981, utilizei o presente conto como texto de estudos de literatura do Curso de Japonês da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Sua tradução foi realizada em conjunto pelos alunos que assistiram a essas aulas, a saber: Ana Kiyoko Tongu, Beatriz Shizuko Takenaga, Eliza Sachiyo Taketa, Helena Hisako Toida, Junko Ota, Lídia Natsue Kyono, Noriko Takata, Osvaldo Andrade Neto, Rosa Naomi Nakaura e Zilda Kushima. A organização final ficou a cargo de Junko Ota e Helena H. Toida, e a tradução do presente prefácio, de Osvaldo Andrade Neto.

*Kensuke Tamai*

Diretor do Centro de Estudos  
Japoneses da USP

**Nota:** *Com exceção das obras traduzidas para o português, as demais foram traduzidas literalmente por conta das responsáveis pela organização.*



## IMAGEM DA LUA

Certo dia, ocorreu a Kyōko mostrar ao marido, deitado numa cama no andar superior, através de um espelho de mão, a pequena horta que ela cultivava. Para ele, que estava em repouso absoluto, era como se só com isso, se descortinasse uma nova vida. Jamais se poderia afirmar que fosse “só isso”

Era um espelho de mão, acessório de toucador do enxoval de Kyōko. O toucador não era assim tão grande, mas era feito de amoreira, como o espelho de mão. Quando era recém-casada, certa vez, ao utilizar-se de ambos os espelhos para ver o penteado por trás, a manga deslizou descobrindo-lhe o braço até o cotovelo. Ela se recorda de ter corado. Era esse o espelho de mão que agora utilizava para mostrar a horta ao marido.

Em algumas ocasiões, vendo-a sair do banho, o marido dizia:

— Mas que desajeitada, não? De-me, eu seguro para você.

E tomando-lhe o espelho de mão, ele parecia divertir-se refletindo no toucador a nuca dela por diversos ângulos. Parecia, também, que ele descobria, ao refleti-la no espelho, coisas que antes jamais havia notado. Não era porque Kyōko fosse desajeitada, mas é que ela se enrijecia ao sentir-se observada de trás pelo marido.

Não havia transcorrido tanto tempo depois desse fato, a ponto de alterar a cor da amoreira do espelho de mão, fechado na gaveta. Entretanto, veio a guerra, o êxodo para o interior<sup>(1)</sup>, a doença grave do marido — por tudo isso, quando ocorreu pela primeira vez a Kyōko mostrar a horta, o espelho de mão estava embaçado e a moldura, suja de pó-de-arroz e poeira. Naturalmente, como não chegava a prejudicar a imagem refletida, ela não percebeu, o que não significava desca-so. Mas, desde então, o marido que não afastava da sua cabeceira o espelho, levado pelo tédio e pelo nervosismo do doente, polia tanto o espelho quanto a sua moldura. E muito embora já não mais estivesse embaçado, muitas vezes Kyōko surpreendeu o marido soprando o espelho para, em seguida, lustrá-lo. Kyōto chegava a pensar que provavelmente nas frestas invisíveis da moldura na qual o espelho estava embutido, os bacilos da tuberculose tivessem se infiltrado. Havia ocasiões em que, depois de Kyōko pentear os cabelos do seu marido com um pouco de óleo de camélia, ele passava as suas mãos no cabelo e esfregava-as na moldura. Enquanto a madeira do toucador continuava fosca, a do espelho de mão passou a brilhar.



Kyōko casou-se pela segunda vez, levando consigo o mesmo toucador.

Mas o espelho de mão, colocado por ela no ataúde do primeiro marido, consumiu-se com o fogo. Substituiu-o no toucador, um espelho de entalhe de Kamakura<sup>(2)</sup>. Sobre isso, ela nada falou ao atual marido.

Logo que o primeiro marido morreu, colocaram-no no ataúde, unindo-lhe as mãos e entrelaçando-lhe os dedos como era de costume. Não havia, portanto, como fazê-lo segurar o espelho de mão. Kyōko então colocou-o no peito.

— Você já sofria tanto, mesmo esse espelho deve pesar

Kyōko murmurou docemente e recolocou-o sobre a barriga. Por achar que o espelho de mão fora algo importante na vida dos dois, ela o havia colocado primeiro no peito. Não queria que os sogros e os cunhados percebessem que havia um espelho no ataúde. Amon-toou as flores brancas de crisântemo sobre o espelho de mão. Ninguém percebeu. O vidro do espelho estava bastante derretido e deformado com o calor do fogo, tomando uma forma irregularmente arredondada e tornando-se fuliginoso e amarelado. Vendo isso, na cerimônia de recolhimento dos ossos<sup>(3)</sup>, alguém disse:

— É vidro, não é? O que será?

Na verdade, sobre o espelho de mão havia mais um pequeno espelho. Era o espelho do estojo de utensílios de toalete. Era um espelho retangular de duas faces. Kyōko sonhou poder usá-lo na lua-de-mel. Mas, por causa da guerra, não pôde ter uma lua-de-mel. Não houve uma única vez em que pudesse tê-lo usado em viagem, enquanto o primeiro marido estivera vivo.

Com o segundo marido teve até lua-de-mel. Como o couro do estojo anterior estivesse muito embolorado, comprou um outro novo. Naturalmente continha um espelho também.

No primeiro dia da lua-de-mel, tocando-a, disse-lhe o marido:

— Parece uma virgem, pobrezinha.

Seu tom não era de sarcasmo, pelo contrário, parecia esconder uma alegria inesperada. Para ele, era melhor, talvez, que Kyōko parecesse uma virgem. Mas, ao ouvir essas poucas palavras, ela foi tomada, de repente, por uma forte tristeza. Era uma tristeza indizível. Ela se contraiu e lágrimas afluíram aos seus olhos. Talvez ele tivesse achado que isso também a fazia parecer-se com uma adolescente.

Kyōko não sabia até que ponto chorava por si ou pelo primeiro marido. Nem era possível estabelecer claramente essa diferença.



Percebendo isso, sentiu-se mal diante do atual marido e achou que deveria agradá-lo.

— Não, não sou. Será que há tanta diferença assim? — disse-lhe depois.

Ao acabar de dizer, pareceu-lhe impróprio e sentiu seu rosto em chamas; mas ele, parecendo satisfeito, disse:

— Você nem teve filhos, não?

Isto a feriu ainda mais.

Defrontando-se com a força de um homem diferente do primeiro marido, ao contrário, ela se sentiu humilhada como se estivesse sendo tratada qual um brinquedo.

— Mas, era como se tivesse um filho.

Kyōko, para contrariá-lo, disse apenas isto.

O marido, adoentado durante um longo período, mesmo depois de morto, parecia um filho que vivia dentro dela.

Mas, se de qualquer forma ia morrer, para que servira então a rigorosa abstinência sexual?

— Vi Mori<sup>(4)</sup> apenas pela janela do trem da linha Jōetsu<sup>(5)</sup>

Citando o nome da terra natal de Kyōko, o atual marido abraçou-a novamente.

— Ouvi dizer que é uma cidade bonita no meio da floresta, como diz o próprio nome. Até quando você morou lá?

— Até terminar a escola secundária. Fui requisitada<sup>(6)</sup> para a fábrica de munições de Sanjō<sup>(7)</sup>.

— Ah, era perto de Sanjō. Dizem que as mulheres de Sanjō da região de Echigo<sup>(8)</sup> são belas. E é por isso que você também tem um corpo bonito, não?

— Não sou bonita.

Kyōko pôs a sua mão na gola.

— Suas mãos e seus pés são bonitos, por isso achei que seu corpo também fosse.

— Não é bem assim.

Como a mão do marido estava atrapalhando, Kyōko retirou-a delicadamente.

— Mesmo que você tivesse um filho, acho que teria me casado com você. Poderia adotá-lo e amá-lo. Melhor ainda se fosse menina.

— Ele sussurrou-lhe ao ouvido.

Essa disposição de espírito se devesse, talvez, ao fato de ele próprio ter um filho, mas mesmo como uma manifestação de amor, isso lhe soou estranho. Mas prolongar a lua-de-mel por dez dias, tal-



vez fosse por consideração a ela, porque ele tinha um filho em casa esperando.

Ele tinha um estojo de toalete para viagens que parecia ser de couro de boa qualidade. Nem dava para comparar com o dela. Mas não era novo. Não se sabe se ele viajava muito ou conservava-o com cuidado, mas havia um brilho gasto pelo tempo. Kyōko lembrou-se do seu, que deixou embolorar bastante, sem nunca ter usado. Mesmo assim, pelo menos o espelho fora usado pelo seu primeiro marido, acompanhando-o para o outro mundo.

Essa pequena peça de vidro derreteu-se e acabou grudando no vidro do espelho de mão, de tal modo que, a não ser ela, jamais alguém diria que se tratava de duas peças distintas. Kyōko nem disse que aquela estranha massa de vidro eram os espelhos, e aparentemente ninguém dos familiares notou isso.

Entretanto, Kyōko sentiu como se os vários mundos refletidos nos dois espelhos tivessem sido cruelmente desintegrados pelas chamas. Ela sentiu a mesma perda de quando o corpo do marido se desmanchou em cinzas. Foi com o espelho de mão, acessório do toucador, que Kyōko mostrou ao marido, pela primeira vez, a horta nele refletida. Ele não o afastava da cabeceira, mas mesmo um espelho de mão parecia pesar para o doente e ela precisou massagear seus braços e ombros. Entregou-lhe, assim, um outro espelho leve e pequeno.

Enquanto viveu, o que ele contemplava refletindo nos dois espelhos não era apenas a horta dela. Refletia também o céu, as nuvens, a neve, as montanhas ao longe e os bosques próximos. Refletia também a lua. Contemplava, dentro do espelho, também as flores do campo, as aves migratórias. Pessoas transitavam pelas ruas dentro do espelho, crianças brincavam no jardim dentro do espelho.

Kyōko espantava-se com a imensidão e a riqueza do mundo que se podia ver num pequeno espelho. Um espelho, simples objeto para toalete, que se usa para retocar a aparência, ainda mais um espelho de mão que para ela não servia senão para refletir de trás a cabeça e o pescoço — para o doente transformou-se numa nova vida e numa nova natureza. Kyōko sentava-se à cabeceira do marido, espiavam juntos o espelho, conversavam sobre o mundo refletido nele. Aos poucos, ela também foi perdendo a capacidade de distinção entre o mundo visto a olho nu e o outro refletido no espelho. Começaram a existir dois mundos distintos, de tal forma que o novo mundo criado dentro do espelho passou a ser visto como sendo o verdadeiro.



— Dentro do espelho o céu tem um brilho prateado, não acha? disse Kyōko. E olhandō pela janela:

— Mas o céu está tão nublado e cinzento.

Esse ar pesado e escuro não existia no céu do espelho. Havia realmente um brilho.

— Será que é porque você está sempre polindo o espelho?

O marido prostrado no leito, também pôde ver o céu, virando a cabeça.

— É verdade. Está um cinza opaco. Mas nem sempre a cor do céu, visto pelos olhos humanos, é vista da mesma maneira pelos olhos de um cão ou de um pardal, por exemplo. Não se pode saber qual deles é que vê o objeto tal como ele é realmente.

— O que há dentro do espelho, então, são os olhos do espelho?

Kyōko sentiu vontade de lhe dizer que esses eram os olhos do amor deles. O verde das árvores dentro do espelho parecia mais viçoso que o da realidade e o branco dos lírios, mais vivo que o real.

— Esta é a sua impressão digital do polegar da mão direita, não é?

Ele mostrou a borda do espelho. Assustada, sem saber por que, ela soprou o espelho, limpando a marca do dedo.

— Não faz mal. Quando você me mostrou a horta pela primeira vez, também deixou sua impressão.

— Não tinha notado.

— Nem teria notado. Eu acabei gravando completamente a sua impressão digital do polegar e do indicador, graças a este espelho. Só um doente como eu é que poderia reconhecer as impressões digitais da esposa.

Poder-se-ia dizer que, após se casar com Kyōko, o marido praticamente nada havia feito senão adoecer. Nem sequer lutara na guerra. Fora convocado quando a guerra estava para terminar, mas adoecera após ter trabalhado apenas alguns dias como operário no aeroporto, retornando com o término da guerra. Como ele não conseguia andar, Kyōko fora buscá-lo com o cunhado. Após a convocação do marido, ela havia se refugiado na casa dos pais. Seus pertences já haviam sido enviados para lá. Sua nova casa fora queimada, e então alugaram um quarto da casa de uma colega. E o marido saía todos os dias para trabalhar. Pouco mais de um mês na nova casa, e dois meses na casa da colega — foram apenas esses os dias que Kyōko pôde viver com o marido não adoentado.

Ele resolveu alugar uma casa nas montanhas para o tratamento, onde também moravam algumas famílias refugiadas que, com o tér-



mino da guerra, voltaram para Tóquio. Kyōko ficou também com a horta dessas famílias. Era um quintal de ervas daninhas, com apenas 6 m<sup>2</sup> de área revolvida.

Como viviam no interior não era impossível comprar verduras para duas pessoas, mas como a época não permitia desperdícios, Kyōko trabalhou com afinco no quintal. Brotava nela o interesse pelas verduras que cresciam por suas mãos. Não que quisesse estar longe do doente. Mas coser e tricotar aborreciam-na. Mesmo para pensar nele, era possível ter uma esperança maior enquanto trabalhava na horta. Ela ia lá para se sentir repleta de amor em relação ao marido. Também a leitura, feita à cabeceira do seu marido, já era o bastante. Também sentia que na horta podia recobrar-se a si própria, que ia se perdendo com o cansaço ao cuidar do doente.

Eram meados de setembro quando mudaram para as montanhas. Após a retirada dos veranistas, seguida por uma longa chuva fria e úmida do início de outono, num certo dia, antes do entardecer, o céu se abriu com o cantar límpido dos pássaros, e na horta banhada de forte claridade, as folhas verdes brilhavam. Kyōko ficou fascinada também com as nuvens cor-de-rosa das montanhas. Quando, ainda de mãos sujas de terra, subiu às pressas ao andar superior atendendo ao chamado do marido, ele respirava penosamente.

— Chamei tanto. Você não me escutou?

— Desculpe, não ouvi.

— Não quero mais que você trabalhe na horta. Seu eu chamar assim por cindo dias, eu morro. Para começar, nem vejo o que você faz e nem onde está.

— Estava no quintal. Mas vou deixar a horta.

Então ele se acalmou.

— Ouviu o canto do chapim?

Ele a tinha chamado só por isso. Enquanto falava, a ave cantou novamente no bosque próximo, que se realçava na claridade do entardecer. Assim, Kyōko chegou a conhecer o canto do pássaro chamado chapim.

— Seria prático se tivesse alguma coisa para tocar como um sino, não? Que tal se deixasse alguma coisa para você atirar até comprar um sino?

— Atirar, por exemplo, uma tigela do primeiro andar? Parece divertido.

Dessa forma, foi-lhe permitido prosseguir com os trabalhos da horta. Mas quando lhe ocorreu mostrar a horta ao marido, refletida



no espelho, a primavera tinha chegado depois do longo e rigoroso inverno das montanhas.

Com o espelho, chegou também para o doente uma alegria comparável ao renascer de um mundo de folhas viçosas. Os bichinhos, que Kyōko tirava das verduras, realmente não eram possíveis de serem vistos pelo espelho e ela tinha que levá-los até ele para lhe mostrar, mas quando ela revolia a terra, ele dizia:

— As minhocas podem ser vistas até mesmo pelo espelho.

Houve vezes em que na horta, Kyōko levantava seus olhos em direção à casa, sentindo uma pequena claridade. Era seu marido fazendo reflexos com espelho nas horas em que os raios do sol se inclinavam. Ele lhe disse que reformasse o “kasuri”<sup>(9)</sup> azul-marinho do seu tempo de estudante num “monpe”<sup>(10)</sup> e parecia também que ele se divertia em poder vê-la no espelho assim vestida, trabalhando na horta.

Kyōko, sabendo que estava sendo vista pelo marido no espelho, trabalhava na horta ora pensando nisso, ora se esquecendo disso. Ela sentiu seu coração se encher de ternura, notando a grande diferença daquela época de recém-casada em que até se retraía com o descobrir do cotovelo enquanto se espelhava.

Mas, mesmo com relação à maquilagem feita ao espelho, em meio àquela época de derrota, nunca tivera tempo para se maquilar adequadamente com ruge e pó-de-arroz. Depois, era cuidar do doente, era luto fechado — por tudo isso, ela começou a se maquilar adequadamente só depois de se casar novamente. Ela própria percebia que se tornava notavelmente mais bonita. Inclusive começou a pensar que era verdade seu corpo ser bonito, como foi dito no primeiro dia pelo seu atual marido.

Após o banho, ela não mais se envergonhava espelhando-se no toucador. Via a sua própria beleza. No entanto, nela não havia se apagado, ainda agora, aquele sentimento incomum aos outros, implantado pelo seu primeiro marido com relação à beleza que passara a descobrir dentro do espelho. Não que desacreditasse nessa beleza. Muito pelo contrário, não duvidava da existência de um outro mundo. Porém, a diferença que existia entre o céu cinzento e o outro brilhando num tom prateado dentro do espelho — esta diferença não havia entre a sua pele vista a olho nu e a refletida no toucador. Talvez isso não devesse apenas à diferença de distância. Talvez estivessem ativados o desejo e o anseio do seu primeiro marido prostrado ao leito. Desse modo, nem ela própria possuía meios de saber agora quão



bela era Kyōko trabalhando na horta, dentro do espelho de mão do seu marido. Nem mesmo enquanto ele estivera vivo, percebia.

Sua figura trabalhando na horta dentro do espelho que o marido tinha nas mãos antes de morrer o anil das flores de coração-magoado, o branco dos lírios, o bando de crianças da vila brincando no campo, o sol da manhã se levantando nas montanhas longínquas cobertas de neve — em relação a esse mundo refletido no espelho e vivido com seu primeiro marido, Kyōko sentiu mais uma adoração do que uma saudade. Por causa do atual marido, ela resistiu a esse sentimento que quase se transformava num desejo ardente e procurou pensar que tudo isso era uma visão contemplativa do mundo divino.

Kyōko ouviu o canto dos pássaros silvestres pelo rádio, numa manhã de maio. Era uma transmissão realizada num lugar próximo às montanhas, onde o primeiro marido passara seus últimos dias de vida. Despedindo-se do seu atual marido que saía para o trabalho, Kyōko pegou o espelho de mão do toucador e refletiu o céu límpido. Contemplou também o seu rosto refletido. Descobriu algo estranho. Só podia ver o seu rosto, se refletido no espelho. O próprio rosto é a única coisa que não pode ser vista a olho nu. Toca todos os dias o rosto refletido no espelho, como se fosse o seu próprio, visto a olho nu. Por um tempo, Kyōko ficou pensando absorta no porquê de Deus ter criado o ser humano incapaz de ver seu próprio rosto.

— Se enxergasse o próprio rosto, será que enlouqueceria? Será que ficaria incapaz de fazer qualquer coisa?

Mas, provavelmente, o próprio ser humano é que evoluiu, de modo que não enxergasse seu próprio rosto. Talvez as libélulas e os louva-a-deuses sejam capazes de ver seus rostos, pensou ela.

De qualquer maneira, o rosto, que era de sua propriedade, parecia existir para ser mostrado aos outros. Isso se assemelha ao amor?

Guardando o espelho de mão no toucador, Kyōko ainda agora notou o entalhe de Kamakura e a amoreira em desarmonia. Como o espelho de mão acompanhara o seu primeiro marido, parece que o toucador estava viúvo. Mas, ter entregue ao doente, aquele espelho de mão e mais um espelhinho, era de fato uma moeda de duas faces. Também via sempre o seu próprio rosto. Sentir-se ameaçado pelo agravamento da doença, vendo seu próprio rosto refletido, não era o mesmo que encontrar-se face a face com a Morte? Se tivesse sido um suicídio psicológico provocado pelo espelho, Kyōko teria cometido um assassinio psicológico. Ela havia percebido esse perigo e tentara tirar-lhe o espelho, mas já não havia como fazê-lo largar.



— Não vai me mostrar mais nada? Enquanto eu estiver vivo, quero amar o que é visível, disse o marido. Talvez ele tivesse sacrificado sua vida para fazer existir o mundo dentro do espelho. Após a tempestade, às vezes contemplavam refletindo no espelho, a lua refletida na poça d'água do quintal. Mas essa lua, que não poderia ser considerada simples imagem da imagem, vinha à tona ainda agora com forte nitidez na sua alma.

— Um amor são só nasce em pessoas sãs — quando o atual marido assim fala, naturalmente Kyōko assente meio envergonhada, mas no íntimo, não concorda totalmente. Para que servira a abstinência sexual rigorosa, assim pensou quando ele morreu. Porém, depois de algum tempo, isso se tornou uma angustiante lembrança de amor e começou a sentir que mesmo nas reminiscências do passado, o amor preenchia o seu interior. Não havia remorsos. O atual marido não estaria considerando superficial o amor da mulher?

— Por que você se separou da esposa, se é tão carinhoso? Assim Kyōko perguntou. Ele não lhe respondeu. Ela se casara com ele por insistência do irmão mais velho do primeiro marido. Namoraram por mais de quatro meses. A diferença de idade era de quinze anos.

Quando engravidou, sentiu tanto medo a ponto de lhe mudar a fisionomia. Agarrava-se ao marido, dizendo:

— Tenho medo! Medo!

Sentia um forte enjôo e até chegava a ficar perturbada. Ora arrancava as folhas do pinheiro saindo descalça no quintal, ora entregava duas marmitas para o filho adotivo que ia à escola. Ambas continham comida. Ela fixava os olhos, pensando que, de repente, sua visão atravessava o espelho do entalhe de Kamakura. Acordava de madrugada e sentava-se no acolchoado, olhando o rosto do marido adormecido. Desatava o cinto do “nemaki”<sup>(11)</sup>, tomada por um medo angustiante diante da fugacidade da vida humana. Até parecia um gesto de quem iria estrangular o marido. De repente, Kyōko gritou e caiu em prantos. O marido acordou e, carinhosamente, amarrou-lhe o cinto. Foi numa noite de verão, mas ela tremia como se estivesse sentindo frio.

— Kyōko, acredite na criança que está no seu ventre, disse o marido, sacudindo-a.

O médico aconselhou a internação. Kyōko não queria ser internada, mas foi persuadida a fazê-lo.

— Irei para o hospital, mas antes deixe-me passar alguns dias na casa de meus pais.



O marido acompanhou-a até a casa dos pais. No dia seguinte, sorrateiramente, Kyōko deixou a casa e foi para as montanhas, onde residira com o primeiro marido. Era início de setembro e faltavam uns dez dias para a data em que para lá mudara com ele. No trem, ela sentiu ânsia e tontura; houve momentos em que até mesmo receou ser tentada a pular do vagão. Mas, respirando o ar puro ao sair da estação, sentiu-se repentinamente aliviada. Voltou a si, como se tivesse se libertado de alguma possessão demoníaca. Invadida por uma sensação estranha, parou e olhou as montanhas. Os contornos ligeiramente azulados das montanhas verdes, eram nítidos em contraste com o céu e Kyōko sentiu um mundo vivo ao seu redor. Enxugando as lágrimas tépidas que lhe afluíam aos olhos, andou em direção à antiga casa. Do mesmo bosque que, naquele dia, se realçava dentro do crepúsculo róseo, ouvia-se novamente o canto do cachim.

A antiga casa já era habitada por outras pessoas e viam-se cortinas brancas de renda na janela do andar superior. Kyōko observou-a sem se aproximar muito e murmurou, espantando-se com as suas próprias palavras.

— Que farei se o bebê for parecido com você, meu querido?  
E tomou o caminho de volta, terna e tranqüila.

#### NOTAS:

- ( 1 ) Êxodo para o interior — Trata-se da dispersão temporária da população urbana para o interior na época de guerra, para minimizar os danos e mortes, causados por bombardeios e incêndios.
- ( 2 ) Entalhe de Kamakura — Uma das técnicas de gravura em madeira, sobre o qual se passa depois o verniz.
- ( 3 ) Cerimônia de recolhimento dos ossos (“kotsuage”) — Cerimônia que consiste em recolher os ossos do morto, depois da cremação.
- ( 4 ) Mori — Nome de cidade fictícia, que significa “floresta”
- ( 5 ) Linha Jōetsu — Ferrovia nacional que liga Ueno (uma estação de Tóquio) e região de Echigo, com extensão de 162,6 Km.
- ( 6 ) “ requisitada para a fábrica. ” — Trata-se da requisição do Estado para que a população faça determinados serviços. Os estudantes e as mulheres trabalhavam nas fábricas para suprir a falta de mão-de-obra, durante a guerra.
- ( 7 ) Sanjō — Cidade da região central da província de Niigata, famosa pelo comércio de produtos de metal.



- ( 8 ) Região de Echigo — Região central do Japão, pertencente à província de Niigata, voltada para o Mar do Japão.
- ( 9 ) “Kasuri” — Tecido com estampas tipicamente japonesas. Sendo de baixo custo, antigamente os quimonos feitos de “kasuri” eram bastante usados pelos estudantes.
- (10) “Monpe” — Calça feminina, tipicamente japonesa para uso doméstico. Seu uso foi incentivado pelo governo na época da II Guerra Mundial.
- (11) “Nemaki” — Roupa de dormir tipo quimono, feita de algodão ou flanela, usada com um cinto fino.